

## DOIS CENTENÁRIOS<sup>(\*)</sup>

**José Calasans**

Em 1993, transcorrem dois centenários ligados à história do conselheirismo sertanejo. O choque de Masseté, a 26 de maio, e a chegada de Antonio Conselheiro e milhares de seguidores ao povoado Canudos, quando o Peregrino determinou que se o chamasse, desde então, Belo Monte. Sem dúvida alguma, pelas conclusões da leitura de documentos oficiais, a ocupação do povoado teria acontecido nos primeiros dias de junho, a 5 ou 6 do referido mês.

Os dois fatos marcam, por assim dizer, o início da guerra do Bom Jesus Conselheiro. Até a noite de 26 de maio, que foi enlutarada, os adeptos do místico cearense não haviam enfrentado a força policial. Nem mesmo os homens armados que, em Patrocínio do Coité, Lagarto, Simão Dias, por ordem dos vigários locais, afastaram os crentes das freguesias visitadas. Nem mesmo quando, em 1876, Antonio Vicente Mendes Maciel foi preso na vila de Itapicuru e enviado para a Cidade de Salvador. A resistência oferecida em Masseté, território de Tucano e hoje integrante do município de Quijingue, evidenciava que Antonio Vicente estava disposto a enfrentar o poder constituído. Ele próprio diria ao capuchinho frei João Evangelista, em 1895, que no tempo da Monarquia se deixara prender porque reconhecia o Governo, mas que agora não reconhecia a República. A atitude anti-republicana do cearense vinha sendo registrada na imprensa pelo menos desde 1892. Salomão de Souza Dantas, contemporâneo do Conselheiro, escreveu que foram vigários políticos e padres impacientes e irrefletidos que meteram na cabeça do macerado eremita que a República era um sistema de governo condenado por Deus. Não apareceram, porém, os nomes das pessoas responsáveis pelo anti-republicanismo do “pai conselheiro”. Sabemos, aliás, que as manifestações monárquicas do Conselheiro se tornaram violentas quando Rui Barbosa se apresentou como candidato ao Senado em

---

(\*) Publicado originalmente em *A Tarde*, Salvador, 5 jun. 1993.

1892. Antonio Conselheiro, numa de suas prédicas, segundo disseram na Assembléia Estadual, afirmou que Rui era “o homem das trevas”.

A reação, como ficou dito, começou em Masseté. Em abril, quando os municípios iniciaram a cobrança dos impostos estabelecidos pela lei da organização municipal, em algumas localidades do nordeste baiano, grupos populares, em grande algazarra, quebraram as tabuletas afixadas nos prédios das intendências. O primeiro local foi Natuba, hoje Soure. Euclides da Cunha, equivocadamente, escreveu Bom Conselho e o erro vem sendo repetido. O grupo conselheirista ocupou Bom Conselho, praticando, aliás, as mesmas violências, dois anos após o episódio do Soure. Além da agitação em Natuba, houve atos de desobediência no Amparo e no Bom Jesus. Por interferência do Barão de Jeremoabo, seguiu para Tucano um contingente policial, comandado pelo tenente Virgílio Pereira de Almeida, com a finalidade de dissolver o grupo e prender seu chefe. O encontro ocorreu no lugar Masseté e os conselheiristas bateram a tropa policial, que correu desabaladamente, com mortes de ambos os lados. Na capital, o insucesso da polícia baiana alarmou o governador, que era o Dr. Rodrigues Lima. O Governo do Estado apelou para a ajuda do poder central e o vice-presidente da República, marechal Floriano Peixoto, atendeu prontamente à solicitação. Organizou-se uma tropa composta de oitenta soldados do 9º e 18º B.I., sob o comando do tenente João Camilo da Silva Seixas. A tropa acampou em Serrinha, onde ficou aguardando ordens para seguir ao encalço dos rebelados. Cresceu assustadoramente o número dos acompanhantes. O séquito, que não dispunha de mil pessoas em Masseté, estava com três ou cinco mil seguidores, conforme informações vindas do sertão. Os boatos eram alarmantes. Famílias inteiras, homens válidos, mulheres, crianças se engajavam nas hostes do Bom Jesus Conselheiro. Em Salvador, o governador ficou preocupado. Reuniu no Palácio, políticos e pessoas influentes. A maioria considerou ser temerário enviar uma tropa pequena para combater tão numeroso grupo. Poderia haver novo insucesso. Por outro lado, a ação militar provocaria verdadeiro massacre, sacrificando mulheres e crianças. Venceu a

prudência e o general de brigada, Inocêncio Galvão de Queiroz, comandante do 3º Distrito Militar, a 9 de junho, mandou recolher a tropa a Salvador. O Barão de Jeremoabo, Dr. Cícero Dantas Martins, político prestigioso na zona conflagrada, considerou errada a decisão. Parece haver sido a única voz discordante.

Os conselheiristas, ainda não se falava em jagunços, tomaram o rumo do povoado Canudos, à margem esquerda do Vaza-Barris, no município de Monte Santo. No dia 3 de junho passaram pelo Cumbe, hoje Euclides da Cunha. No dia 6, de Tucano avisaram ao tenente João Camilo que Antonio Conselheiro chegara a Canudos. O povoado, ao contrário do que pensava Euclides da Cunha, não estava em decadência e ali o famoso construtor de igrejas levantara pouco antes a capela de Santo Antonio, posteriormente conhecida por “igreja velha”. Ao lugarejo chegavam diversas estradas, caminhos que serviam às comunicações com o rio São Francisco. Em Canudos, viviam Antonio da Mota e Joaquim Macambira, proprietários de terras, negociantes de couro e de balcão. A economia local era baseada na criação de gado menor, exportando-se couro para cidades próximas. Havia uma larga praça, denominada “do comércio”, que depois também foi conhecida por “praça das igrejas”.

A presença de Antonio Vicente Mendes Maciel, em pouco tempo, iria, evidentemente, transformar o povoado num dos mais habitados lugares da Bahia. Uma metrópole sertaneja, que garantiu sua posição na história brasileira.